

## **“Katei kyoshi Volunteer” (Voluntariado de Apoio Escolar no Lar)**

Rosa Maria Cortés Gómez odn e Hiroko Kobayashi odn  
Hadano (Japão)

### **Descrição da experiência**

Esta prática educativa desde 1988 até 2007 teve sua origem na tragédia que ocorreu em nossa cidade, Hadano. Bouy Mouem, um refugiado cambojano e residente nesta cidade matou seus três filhos (duas meninas de 8 e 4 anos, e um menino de 6) e sua esposa no dia 18 de fevereiro de 1987. Este acontecimento comoveu toda a sociedade japonesa, e em especial toda a comunidade de refugiados. Um grupo de pessoas desta cidade conseguiu que o prefeito organizasse um encontro com estas famílias. Nós participamos desta reunião. Uma das coisas que nos pediram foi que lhes ensinássemos japonês. Um grupo de voluntários organizou aulas de japonês nas tardes de domingo. A prefeitura ofereceu como local, o Centro Cultural da cidade de Hadano, a pedido dos próprios refugiados. Nós também nos comprometemos e convidamos as moças de nossa Residência Santa Maria para participarem. Elas se dedicavam a entreter as crianças que vinham com seus pais, e passado um tempo, propuseram ir às casas dessas crianças durante a semana para ajudá-las nos estudos, uma vez que eles não entendiam bem o japonês e tinham muitas dificuldades. As famílias gostaram da idéia, pois lhes era difícil entender-se com os professores e aconselhar seus filhos, que muitas vezes sofriam discriminação e maus tratos por parte de seus companheiros. Foi assim que começou esta prática educativa nos lares dos refugiados que vivem em Hadano e proximidades. Atualmente também abrange pessoas e famílias de emigrantes de países ibero-americanos e asiáticos, que vêm em busca de trabalho no Japão.

As pessoas a quem se destinava a experiência, inicialmente eram as crianças e jovens dos refugiados de Indochina (Laos, Camboja e Vietnam), mas logo seus pais começaram também a solicitar esta ajuda. Com o passar do tempo, foram agregando-se a este programa os trabalhadores e familiares que vinham de outros países em busca de trabalho, procedentes da América Latina e da Ásia. O que começou com 3 famílias e 15 voluntárias em 1988, neste ano 2007, por exemplo, o programa atende 81 famílias e conta com 208 voluntárias. Desde o início até agora, mais de 220 famílias.

Os **objetivos específicos** que se pretende alcançar com seu desenvolvimento são vários:

O principal deles é a relação humana com estas famílias, uma vez que as voluntárias são “embaixadoras” que mostram o lado acolhedor e gratuito da sociedade japonesa através da prática educativa do ensino do idioma. Comprometem-se com uma hora semanal durante todo o ano escolar. Isto é muito importante, pois o que se pretende é estabelecer uma relação humana entre culturas diferentes, e isso não se consegue com uma ou duas vezes ao ano. Além disto, a partir da questão do idioma e conteúdo das matérias escolares, brota naturalmente uma ajuda mútua entre quem ensina e quem aprende: ambas as partes recebem e dão, e isso é o bonito da experiência. As voluntárias não necessitam ir a Bolívia, Peru, Brasil, Vietnam, Camboja e outros países para conhecê-los. Aprendem e recebem muito mais com uma hora semanal indo às casas durante um ano, do que com visitas turísticas ao estrangeiro. Mas, sobretudo a amizade que se estabelece entre pessoas de diferentes culturas é uma experiência que perdura e ajuda os beneficiários na internacionalização e entendimento mútuo.

## **Atividades realizadas para levar a cabo estes objetivos:**

Contato pessoal com as famílias que, ao tomarem conhecimento direta ou indiretamente dessa prática, se dirigem a nós para solicitar voluntárias.

No início do ano escolar, explicação do programa às jovens universitárias que desejam participar desta Prática Educativa.

As que se decidem, preenchem um formulário. Recebidos os formulários, procura-se que cada família que tiver feito a solicitação, tenha uma voluntária para cada estudante, um dia por semana. Se há mais voluntárias que o número de alunos, podem ser enviadas para mais um dia se a família o deseja.

Cada semana, a voluntária escreve um pequeno relato da aula. Isto surgiu espontaneamente das próprias voluntárias, desde o início, e é muito positivo para o acompanhamento e para a continuidade nos anos seguintes.

## **Metodologia utilizada:**

À medida que foi sendo desenvolvida a atividade, surgiram mudanças e adaptações.

- Um convite inicial às jovens universitárias para cuidarem dos filhos que vinham com seus pais às aulas de japonês aos domingos. Este apelo continua sendo feito no início do ano letivo, todos os anos.

- As jovens, desde o princípio, descobriram a necessidade de dar o apoio escolar nos próprios lares das crianças, após regressarem estas da escola às suas casas, hora em que terminam elas também as suas aulas.

- Procura-se de maneira geral, que as universitárias atendam famílias que estão mais perto da rota pela qual elas têm que passar ao voltarem para as suas casas.

- A atividade realiza-se toda semana durante o ano escolar. Nas férias, não há atividade.

- O diário, que desde o início as voluntárias começaram em forma de caderno, oferece um material muito importante que tem ajudado a melhorar o programa. Conservam-se todos, e foi feita um banco de dados para consultar num circuito interno da universidade. Também se pode aceder a estes dados (escritos em japonês) através da Internet. Foram feitas várias teses e trabalhos por parte de algumas universitárias.

- O que começou como uma experiência de um grupinho foi se convertendo numa atividade que responde ao ideário da Universidade Sophia dos jesuitas, e ao da Companhia de Maria, concretamente ao espírito da Educação cristã de ser “pessoas a serviço dos demais”.

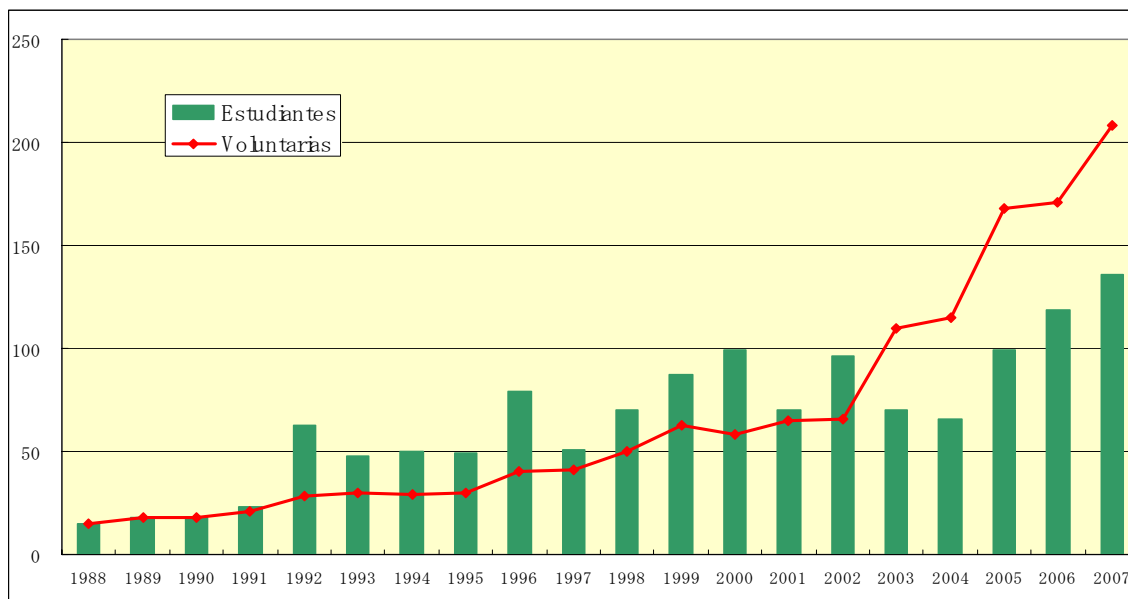
- Foi feito um orçamento dependente do Campus Ministry da Universidade. Cobriram-se assim as necessidades de adquirir material didático para a atividade docente.

- A necessidade de deslocar-se no caminho para ir às famílias, trouxe o problema econômico para cobrir esses gastos, uma vez que às moças somente havia sido pedida a dedicação do tempo para o ensino. O problema resolveu-se acudindo ao Centro oficial dos Refugiados em Tóquio, que assumiu os gastos do transporte. Somente era necessário apresentar cada mês, detalhadamente, uma relação do custo. Assim continuamos até hoje.

- Estas necessidades de prover material didático, gastos de transporte, supervisão dos diários e acompanhamento pessoal de tudo o que surgia no desenvolvimento da atividade, levou algumas graduadas a cooperarem nesse trabalho burocrático. No orçamento do Campus Ministry foi criada uma rubrica para todas estas necessidades que iam surgindo.

- Nunca se fez propaganda para recrutar alunos. A expansão do programa deve-se às próprias famílias que o davam a conhecer a seus familiares, vizinhos e amigos. Atualmente, temos um folheto onde se explica a prática em vários idiomas e que é dado somente às pessoas que solicitam nossa ajuda.

O **tempo de duração da experiência e sua temporalidade** estão refletidos neste gráfico:



Como pode ser visto no gráfico, a atividade começou em 1988 com 3 famílias e 15 voluntárias. A partir de 1992 aumentou o dobro com relação aos anos anteriores, e a partir daí se estabilizou com altos e baixos, mas sempre crescendo, até que em 2007 alcançou um máximo de 208 voluntárias e ao redor de 136 alunos. O número total desde 1988 até 2007 chegou a aproximadamente 1.326 alunos e 1344 voluntárias. Estas cifras são aproximadas, uma vez que a contagem é realizada de uma forma rudimentar, à medida que os alunos e as voluntárias vão se inscrevendo, tendo tido como base nos inícios os diários que as voluntárias começaram a escrever. Quando o número começou a crescer já foi sendo feito de uma forma mais sistemática.

Em 2004, esta prática educativa foi premiada pelo Ministério de Educação e Ciências como “Destacada Prática Educativa” de ajuda ao contexto e modelo a ser seguido. O trabalho constante e silencioso de 16 (atualmente 20) promoções de estudantes universitárias passa a primeiro plano e nos anos seguintes continua crescendo o número de famílias e de voluntárias. No ano letivo 2004/2005, o número de voluntárias aumenta para 115 e os alunos para 66. Em 2005/2006 existem 168 voluntárias e 99 alunos e em 2006/2007, os números são de 171 voluntárias e 119 alunos. A razão pela qual existem mais voluntárias que alunos é porque estes, em geral, recebem o apoio escolar uma vez por semana, mas quando existem mais voluntárias que alunos pode-se atender às solicitações de quem quiser ter mais de uma aula por semana, como foi mencionado no início.

Os primeiros beneficiários do programa são, evidentemente, as crianças, os jovens e os adultos que recebem o apoio escolar ou o ensino do japonês. Mas não são menos beneficiadas as voluntárias. Elas recebem tanto ou mais até do que os alunos. Para muitas tem significado uma grande mudança em suas carreiras mas, acima de tudo, na maneira de encarar a vida e também o enriquecimento de terem se familiarizado com outras culturas. Nem sempre lhes foi fácil e gratificante, mas a superação das dificuldades ajudou no seu amadurecimento e a se abrirem às necessidades dos outros.

Também teve impacto na universidade que se abriu a esta realidade, e o que era inicialmente uma tarefa para um pequeno grupo, é agora fonte de inspiração e de renovação didática, assim como do ideário e do conteúdo do programa de estudos.

## **Coordenação com outros grupos, entidades... em nível interno e externo para o desenvolvimento da experiência:**

Em primeiro lugar, esta atividade tem suas raízes no trágico acontecimento do refugiado cambojano que, com sua família, fugiu da guerra de seu país provocada pela do Vietnã, para ver-se envolvido em outra “guerra e luta” por uma vida digna num país industrializado. Bouy Moen era uma boa pessoa, bom pai e esposo. Mas encontrou no Japão um ambiente adverso, e não teve no momento preciso a ajuda de que tanto necessitava. Nós chegamos tarde, mas sua tragédia colocou em movimento muitas pessoas do contexto com as quais temos colaborado e nos ajudaram a criar e a sustentar esta atividade de Apoio Escolar no Lar. Estes grupos são:

*Indochina no hitobito to tomo ni Ayumu Kai* (Organização a favor das pessoas Provenientes da Indochina)

*Kokuritu Shinagawa Centre* (Centro Nacional de Shinagawa para Acolhida aos Refugiados)

Paróquia de Hadano

Hadano Youth Centre

Ministério de Educação e Ciência.

Cooperantes

Ajudaram-nos com inspiração, ajuda econômica, local para as reuniões e aulas, e, sobretudo nos animaram a seguir adiante nos momentos difíceis.

A Universidade Sophia foi também beneficiada e a melhor benfeitora do programa em todos os sentidos. Sem sua cooperação não teria sido possível chegar até onde chegamos. Esperamos que poder ir mais longe ainda e por muitos anos.

## **Meios de financiamento, orçamento:**

A primeira urgência era de buscar financiamento para o transporte na medida em que os beneficiários do programa se encarregavam de falar com seus familiares e amigos a respeito deste apoio escolar, aumentando assim as solicitações de mais longe. Como foi dito, nunca fizemos propaganda, mas a cada ano aumentavam os candidatos ao programa. O que começou com algumas famílias próximas à Universidade, no ano seguinte, tivemos que deslocar-nos em transporte público. Às voluntárias somente era pedido que dedicassem seu tempo a estas famílias. Assim tivemos que procurar benfeitores, que são os mencionados acima.

O Centro Nacional Shinagawa de Acolhida aos Refugiados nos subvenciona o custo do transporte que, como podemos imaginar, foi aumentando a cada ano.

As próprias voluntárias que tiveram a idéia de criar um fundo para os gastos necessários de material didático e de transporte. Pequenas doações foram seguidas de outras ajudas maiores:

Ano	Yen Japonês	2006	461554
1999	80000	Total	1601265
2000	102980		
2002	123774		
2003	30000		
2004	168000		
2005	167000		
2005	234000		
2005	233957		

Desde 1999-2003 a Universidade Sophia aumentou 400000 yens no orçamento do Campus Ministry para cobrir os gastos com material didático, telefone, seguro e as horas trabalhadas dos ajudantes nesta Prática Educativa.

Desde 2004-2006, o Ministério de Educação e Ciências outorgou o Prêmio de “Melhor Prática Educativa” a esta atividade, fazendo uma doação de 30.000.000 de yens para dois anos. Com esta quantidade puderam ser adquiridos não somente livros, dicionários e todo tipo de material didático, muito variado e completo, mas também computadores de mesa e portáteis, com programas especiais para o ensino de japonês nas casas. Também pode ser colocada toda a informação, incluídos os diários, num banco dados, e editar um folheto nas diferentes línguas dos que participam no programa (japonês, cambojano, laosiano, vietnamita, espanhol, português, chinês e inglês).

A partir de 2006, a Universidade também fez um contrato especial com duas pessoas para coordenar, com a responsável, o funcionamento do escritório do Voluntariado.

## **Análise da experiência**

### **O que se considera mais válido:**

A resposta das universitárias ao convite de ajudar os refugiados; as iniciativas originais que surgiram delas mesmas, seu entusiasmo e dedicação cordial e entusiasta, altruísta e generosa. Isso é o que constitui o êxito desta atividade. Tanto os alunos como as voluntárias se beneficiam desta atividade. Não se trata somente da constatação do progresso no idioma e na destreza ao ensiná-lo, mas principalmente do enriquecimento mútuo daqueles que participam nesta atividade. As voluntárias descobrem que o doar-se é sempre um caminho de ida e volta. Quem se doa, também recebe.

### **As dificuldades encontradas e como foram enfrentadas:**

Nem sempre as coisas têm sido fáceis. É necessário o acompanhamento às voluntárias para ajudá-las a superar as dificuldades que normalmente surgem em qualquer relação humana e no ensino de um idioma. São muito variadas, como é normal. O diário que escrevem depois de cada aula é um meio muito bom para estar em contato com elas e com as famílias, e dar-lhes o suporte de que possam necessitar.

### **As aprendizagens que podem servir para outros grupos:**

Mesmo que nunca tenhamos feito propaganda da atividade, muitos ficaram sabendo e vieram perguntar-nos a respeito. Explicamo-lhes o projeto e se entusiasmarão. Sabemos de alguns grupos que se animaram a fazer algo similar em seu contexto.

### **Outros aspectos da experiência que vale a pena expor:**

-Uma grande satisfação por ter podido acompanhar esta experiência, e o desejo de continuar até quando Deus quiser.

-O entusiasmo das voluntárias, com suas iniciativas, sua colaboração no bom funcionamento de tudo. Depois de uma intensa jornada de estudo, desde o início da manhã, sendo que algumas têm que viajar duas ou três horas de volta às suas casas, seja no inverno ou no verão, com frio ou com calor, é como um milagre e um presente de Deus o fato de poder cooperar com elas.

-Este trabalho silencioso de vários anos atrai pouco a pouco a atenção do professorado e do contexto, que também se comprometem e fazem sua esta causa, melhorando o plano de estudos da Universidade e a ajuda aos favorecidos do programa: os refugiados e os imigrantes e suas famílias. Podemos dizer que formamos uma família. Na festa de outono da Universidade são convidados e sua barraca de comidas típicas de seus países têm um grande êxito.

- A incidência que a experiência tem nas voluntárias ao programarem seu futuro, sua carreira, seu trabalho. Sabemos de muitas que se uniram a

organizações internacionais de ajuda ao desenvolvimento e estão fazendo um grande trabalho.

## **Conclusões**

Uma conclusão muito simples, mas baseada em nossa própria experiência: estar atentas aos apelos nos chegam dos mais necessitados, em qualquer contexto em que estivermos. Procurar fazer o que se pode, convocar outras pessoas e juntas doar tudo o que for possível, sem abater-se pelas dificuldades ou falta de meios. É maravilhoso ver como as pessoas respondem e as iniciativas que tomam para melhorar a situação, sua criatividade e sua colaboração. Aprende-se muito.

Concretamente, para esta atividade, uma das coisas na qual se insistiu mais, é que se trata de um trabalho VOLUNTÁRIO que OBRIGA. Não é obrigatório fazê-lo, mas se a pessoa se compromete, não é para experimentar, e sim para continuar (neste caso, por um ano escolar e, se quiser, por outro, e a maioria continua), e isto apesar das dificuldades que são encontradas, já que não se trata somente de estender a mão, mas receber também aquela que nos estendem. E é preciso dar tempo ao tempo, porque a relação mútua assim o requer. Creio que esta clareza nos critérios de que estender a mão e estreitar a outra necessita de uma determinação firme e é uma obra de arte, que necessita seu tempo e exige responsabilidade, é muito importante.

A festa que ocorreu na universidade em 2004, por ocasião do recebimento do prêmio à Melhor Prática, deu-nos a oportunidade de chamar todos os alunos que desde o princípio até este ano haviam estudado e também as voluntárias que haviam participado. As primeiras “promoções” já vinham com seu cônjuge e seus filhos, dizendo que já necessitariam de voluntárias para a segunda geração. Creio que, graças a Deus, esta nova geração já está melhor “equipada” quanto ao idioma, mas se for necessário, certamente encontraremos voluntárias também para eles e elas.